

ARTIGO - 5. ICOMOS E O FUTURO DA CONSERVAÇÃO: ESTRATÉGIAS PARA OS PRÓXIMOS ANOS: O PAPEL DO ICOMOS NA FORMULAÇÃO DE NOVAS DIRETRIZES GLOBAIS / FORMAÇÃO DE NOVAS GERAÇÕES DE PROFISSIONAIS DA CONSERVAÇÃO / COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E OS DESAFIOS EMERGENTES NA CONSERVAÇÃO.

REPENSANDO O ENSINO DE ARQUITETURA: ANCESTRALIDADE, PATRIMÔNIO CULTURAL E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL EM ATELIÊS DE PROJETO

Nathalia Larsen (larsenarquitetura@gmail.com)

Marcelo Franco Porto (marcelofrancoporto@gmail.com)

A pesquisa investiga como práticas espaciais ancestrais e o patrimônio cultural podem atuar como dispositivos pedagógicos nos ateliês de projeto em cursos de Arquitetura e Urbanismo. Parte-se da hipótese de que a integração de saberes indígenas, ecológicos e tradicionais amplia os horizontes epistemológicos da formação, promovendo maior sensibilidade social e engajamento na transformação do espaço. A pergunta central é: como a incorporação da pedagogia da ancestralidade e do patrimônio cultural pode reorientar o ensino de projeto para a justiça social e espacial?

A pesquisa justifica-se pela permanência de um modelo eurocêntrico e tecnicista (Larsen, 2021), ainda dominante no ensino, que ignora realidades socioterritoriais e reforça padrões autorais e de mercado. Em um cenário de desigualdade urbana, crise climática e apagamento identitário, repensar o ensino de projeto é urgente. Ancestralidade, aqui, é entendida como presença

viva de saberes, modos de vida e valores herdados de povos e comunidades tradicionais, sendo convocada como eixo crítico e epistemológico.

Experiências pedagógicas internacionais reforçam essa direção. Na Nova Zelândia, Archer-Martin e Stokes (2023) relatam práticas que restauram direitos indígenas à terra e cultura, reimaginando a sociedade a partir da conexão com o mundo natural. Crisman (2023) destaca a criação de espaços sustentáveis onde comunidades indígenas recuperam patrimônio e independência frente ao colonialismo. Já Mba et al. (2025) analisam a incorporação do patrimônio cultural em projetos nigerianos contemporâneos, diante dos impactos da globalização e da marginalização das práticas tradicionais. Na América Latina, Ortiz e Trachana (2022) apontam a reestruturação dos espaços de aprendizagem a favor da diversidade e da transformação social.

No campo teórico, o estudo apoia-se em Dewey (1978), que entende a experiência como interação transformadora, e em Larrosa (2002), associa o aprender a uma atitude de suspensão, escuta e encontro. A pedagogia da ancestralidade se alinha às perspectivas decoloniais, propondo deslocamentos frente ao ensino convencional.

A metodologia adotada é qualitativa e exploratória, com perspectiva epistemológica decolonial, combinando revisão bibliográfica, análise documental (diários de bordo) e observação direta e participante de experiências pedagógicas. Os resultados apontam que estratégias didático-pedagógicas baseadas na ancestralidade e no patrimônio cultural favorecem a criação de ambientes de aprendizagem situados, afetivos e políticos, contrastando com paradigmas hegemônicos da arquitetura moderna.

Conclui-se que essa abordagem promove não apenas uma formação plural e equitativa, mas também contribui para a inclusão de grupos historicamente marginalizados no debate sobre a produção do espaço. Ao articular ancestralidade, patrimônio cultural e pedagogias decoloniais, o ensino de projeto se constitui como uma prática transformadora, crítica e socialmente comprometida.

Palavras-chave: ensino de projeto e transformação social; saberes tradicionais e ancestrais; arquitetura e patrimônio cultural;